

República de Finanças do concelho de Espozende 4 de Fevereiro de 1913
Francisco M. M.

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR
JOSÉ DA SILVA VIEIRA
Composição e impressão: Typ. Espozendense
Rua Veiga Beirão, 7 a 9
ESPOZENDE

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano evolucionista — defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LIVRARIA ESPOZENDENSE
Editor: Manoel Gomes da Costa Freitas
ACEITA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO
Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pagamento adiantado)

Anno, sem estampilha 12500 reis. Com estampilha 12360 reis.
Numero avulso 40 reis. Brazil, (moeda forte) 25000 reis

FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL
1886

ANNUNCIOS (sem bo comestente)

Linha, ou espaço de linha a 40 reis. * Comunicados, ou reclames (seções)
Os assignantes tem 25 % de desconto. * Imposto do sello (cada publicação) 10 rs

O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios annuaes, contracto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se recebe um exemplar.

O PROJECTO DA AMNISTIA

Entrou na quarta-feira da ultima semana em discussão na camara dos deputados, o projecto de lei n.º 38, do seguinte teor:

«Artigo 1.º Que todos os foros e instancias sejam trancados os processos que respeitam a crimes e delictos politicos ou religiosos, commettidos até esta data, fazendo sobre elles perpetuo silencio.

§ 1.º Para os effeitos d'este artigo deverão cessar, desde já, todas as investigações de caracter judicial, militar ou policial.

Art. 2.º Que os agentes e accusados dos crimes e delictos mencionados no artigo 1.º, cumprindo pena ou sujeitos a prisão preventiva sejam immediatamente restituídos a liberdade.

Art. 3.º Que seja revogada a legislação em contrario.

Como se sabe, este projecto era da iniciativa do sr. Machado Santos, e muito honra o heroe da Rotunda, que se mostra homem de fé e generosidade; fé na republica, em cuja implantação foi uma figura primacial, e contra cuja existencia não teme as conjuras dos adversarios; generosidade para com os vencidos, que afinal não podem ser accusados senão por delicto de opinião, já largamente expiado com o tempo de prisão soffrida.

Sobre o referido projecto fallaram, quarta-feira, os srs. presidente do ministerio e Machado Santos.

O primeiro disse que o governo concorda com parecer da commissão, contrario

ao projecto, e se reserva o direito de trazer ao parlamento um projecto de amnistia, quando o julgar conveniente, mas só para quem o merecer e não para todos, conforme o projecto do sr. Machado Santos dispõe. Não ha razão alguma de ordem interna ou externa que justifique neste momento a concessão d'uma amnistia para os crimes politicos.

O sr. Machado Santos defendeu calorosamente o projecto, dizendo entre outras cousas, que quando se proclamou o novo regimen não houve quem não adherisse. Depois é que mudaram as cousas e principiam a apparecer os dissidentes, em virtude de circunstancias que são bem conhecidas de todos.

Na sessão de quinta-feira continuou a discussão do projecto, fallando os snrs. Jacintho Nunes, Antonio José d'Almeida, presidente do governo, Julio Martins, Alvaro Pope, Antonio Granjo, Machado Santos, Carvalho Araujo, Gouveia Pinto, Brito Camacho e Mesquita de Carvalho.

Todos os oradores se manifestaram concordes na concessão da amnistia, divergindo porém no modo e oportunidade d'ella.

Foram apresentadas algumas emendas ao projecto, e varias moções, sendo por approvada a do sr. Alvaro Pope, assim concebida:

«A camara, ouvidas as explicações do governo resolve rejeitar o projecto em discussão, sem prejuizo do principio da amnistia, que será considerado opportunamente

e com as condições e restricções que forem impostas pela differença de situação e responsabilidade dos agentes de crimes contra a república; e passa a ordem do dia.»

Frases feitas

UM PAU POR UM OLHO

(Continuação)

O estudo conjectural das locuções populares, embora arriscado, é necessario á observação daquellas cujo caracter primitivo se alterou. De deducção em deducção, o observador metucoso consegue ás vezes restabelecer-lhes a feição originária e determinar-lhes o valor historico.

A expressão que tratamos, tal como hoje se ouve, não é facil interpretação. Estarão deturpados os seus elementos?

Julgo que, pelo menos um delles, sofreu alteração prosódica: *Olho* estará em lugar de *oiro* e a posposição do artigo a este, como ao primeiro elemento, viria pela necessidade de determinar o quantitativo abstrahido da forma concreta.

No tempo em que para Portugal derivavam os mananciaes de oiro do comércio e do saque das conquistas audaciosas, as exigencias faustosas da corte e a vaidade insaciavel da nobreza despejavam prodigamente nas fauces da Europa cubiceosa a cornucópia aurifera das estupendas riquezas que, dos mundos longinquos vinham ao Tejo nos porões bojudos das naus do século XV.

O oiro e a glória excitavam em delirios perdulários o génio aventureiro de uma raça irrequieta, obcecada no seu sonho de

grandeza e poderio. O luxo, as pompas, o fausto de uma corte brilhante compravam-se a peso de oiro e oiro corria incessantemente para os mercados da Europa para as embaixadas de uma magnificência espantosa, para a satisfação de todas as vaidades que se pagavam por quantias avultadas.

Julgo que a expressão se formaria nesta época de delirio de de grandezas. O povo sempre miseravel e subjugado, vê os desvarios da corte e estigmatiza-os pelo ridiculo. Foi sempre a sua vingança, vingança ás vezes terrivel.

O pau é a materia infima na industria, em comparação com os metaes e as materias caras. Na linguagem popular supõe-se que é de pau qualquer coisa inutil, inexpressiva, sem valor: espingardas de pau, espadas de pau, perna de pau, boneco de pau, etc.

«Dar pau por oiro» era o ideal dos negócios rendosos. Assim o faziam certamente os estrangeiros que vinham a Portugal, trazidos pela cubice das nossas riquezas e caçando por mil artimanhas da industria de então o oiro puro das conquistas. (1)

Certamente isto impressionava o povo, siso do filosofo, que presentia nestes desmandos a sua própria decadencia e talvez que mais o exacerbasse a importação apreciavel das madeiras caras da Europa, especialmente de Flandes.

Já um poeta do *Cancioneiro* de Rezende, se queixa, dos desvarios do seu tempo a este facto:

«Estrangeyros partystando
levam desta nossa terra
oiro, prata,
nossas bolsas aliviando
com sa paz nos fazem guerra,
que nos mata.
Levantam-se as moedas
quanto mingã nossos fruytos

resto succede quase sempre que o povo se apropria da legenda antiga.

Num outro conto, *O conselho do Marquez de Pombal*, atribue-se a este um facto apócrifo, impossivel mesmo, resultante da profunda impressão cavada no espirito do povo pela obra do mais enérgico homem de estado que jámais governou em Portugal.

«Tem o caso precedentes na antiguidade. De Tarquinio o Antigo se refere a resposta muda que elle deu aos embaixadores dum povo vizinho que recorriam ao seu saber, cortando com o sèptro num campo de papoilas as flores que sobrelevavam.

Mas não temos nós ahi o exemplo vulgarissimo de Bocage, a quem dúzias de anedoctas se atribuem, anacrónicas, falsas, ou impossiveis?

Concluiremos com o papel do conto entre as camadas populares.

E' ainda uma das distracções favoritas das nossas aldeias. Creio que não ha recanto da terra portugueza onde elle não tenha importante papel na vida caseira. Qual de nós, suspensos os brinquedos travessos, se não maravilhou, boquiaberto, ouvindo em criança, dos labios duma avó ou duma velha ama, estas deliciosas narrativas? São elas quem provoca d'safios em serões de inverno—«a ver quem sabe mais contos», elas quem distrai as horas tediantas da gente do campo, nas tardes dos domingos e dias santos sem

temporaeas estas praticas azedas estes nossos males muytos sani geeras.

Assy como vam da nao todolos outros estantes nos despenam, levam oiro, trazem pau, nossos tratos mescadantes desordenam. Por framengos, genoeses florentyns & castelhanos, mal nos vindo, com seus novos antremesses danos trinta mil avanos vam-se rindo.

E ahi está como do facto historico de «dar pau por oiro» que simbolizava o melhor dos negocios, «a pechincha mercantil», veio a expressão adulterada «um pau por um olho» cujo sentido toma ás vezes mais extenso.

(1) [Subsiste ianda nas camadas mais incultas a aversão natural pelos progressos da industria. São coisas da Estranja, diz o povo rude de muitas aldeias... e até das cidades.]

Não estar católico

Diz-se em geral do estado de saude ou de espirito de alguem: «F. não está lá muito catolico, hoje.» i-é não está bom, tem qualper indisposição moral ou fisica.

Naturalmente lembra logo por deducção emediata em materia de religião crista que quem não é ou não está catolico, é ou está hereje.

Herejes são os descrentes do catolicismo, os que, segundo a Igreja, estão fora da graça e do favor divinos. Como a heresia se atribuiam todos os maleficios e todas as desventuras, veio o dizer-se hereje no sentido de «desesperado, irado» como possesso do demónio, estado commum aos que «estão fora da graça de Deus.»

festas nem romarias; elas quem pelas noites escuras, estradas fóra, ou nas estalagens a beira dos caminhos, encurta as longadas dos viajantes e almocreves; elas quem faz aflorar um sorriso de surpresa, de incredulidade, ou abrir os olhos num gesto de espanto ao iletrado pessoal de ambos os sexos sentado nas eiras, á volta da méda de milho para as *espadeladas* ou *descamisadas*; elas, enfim, quem nos quartéis, a bórdo mesmo, muito mais do que se julga, encanta o soldado e o marítimo e lhe suavisa as horas amargas de nostalgia.

Qual fôsse o papel importante do conto entre portuguezes bem o comprehendeu o poeta dos *Lusíadas*, quando na sua epopeia lhe deu lugar de honra e fóros de nobreza, pondo-o na bôca da marinagem que ia á descoberta da India, sob a fôrma do cavaleiresco episodio dos «Dôze de Inglaterra».

Outra função do conto—e não das de somenos importancia—é a correcção dos costumes. Quanta lição moral, quanto exemplo proveitoso se podem haurir de muitos deles?

Achamos conveniente, não só para melhor estudo como para mais facil consulta, dividir este novelário nas cinco secções que vão a seguir.

FOLHETIM

CONTOS TRADICIONAIS

Um dos campos mais atraentes do folclóre dum país, é indisputavelmente o seu novelário. Talvez porque ali como no cancionero, mais opere a imaginação e a alma do povo, por vezes criando pequeninas obras—primas de feliz inspiração—que um contista consagrado não duvidaria subscriver.

Escassas vezes o conto tradicional tem entecho. Tirante os contos maravilhosos, de mais complicado enredo, é um episodio, um caso, nada mais. Mas esse episodio, mas esse caso, é por vezes duma análise tão subtil, dum contraste tão violento, dum humorismo tão acre, duma filosofia tão profunda, que involuntariamente nos sentimos tomados de admiração pelo cérebro que a engenhou.

O cérebro, dissemos-nos! Os cérebros, deveriamos dizer. Porque a similitude da quadra, cada conto popular soffreu, na continuidade oral, até chegar aos nossos dias, sensiveis alterações que, se lhe modificaram a fôrma, raro lhe desvirtuaram a intenção, antes por vezes accentuada. E' o produto da elaboração de muitas gerações. Quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto, ouve-se comumente. Aqui está, mais uma vez, o povo explicando a sua obra.

De terra para terra são ás vezes muitas as variantes do mesmo conto. Uns foram acrescidos com novos motivos ou episodios de outros contos (1); outros, ao contrario, resumidos, noutros ainda se trocaram figuras religiosas por profanas, e vice-versa. Todas estas variantes é metter que o folclorista recolha intactas, para o estudo completo da genese, evolução e comparação do novelário tradicional.

Quanto á origem dos contos, é muito desenhonrada; é mesmo de alta dificuldade, senão impossivel, assignar a cada um delles uma época de origem. Mas o critério que preside ao estado do Romanceira, pôde certamente applicar-se ao Novelário. O proprio conto fornece o tema do estudo.

Exemplifiquemos com o conto religioso *O Mau Rico*.

Quando em 1906 um dos sinatários deste livro o apresentou com outro conto em sessão da Sociedade Archeológica Santos Rocha, da Figueira da Foz, dizia:

«...dois contos, que deixam bem evidente na sua contextura uma analogia com certas narrativas mythicas dos antigos. A não serem um caso pouco provavel de atavismo criador (1) dão a nota evidente da perpetuidade, no espirito popular, de velhos factos e velhas crenças, bem que deturpados e transformados no correr de muitas gerações» (2)

(1) O dr. Sant'ago Prezado, que por vezes pendura a lira para se dedicar com amor a este ramo de folclóre, recolheu um conto onde se encontram episodios de, pelo menos, mais dois.
(2) *Boletim* da mesma Societ. tomo I, pgg. 209.

Neste sentido registou Moraes a frase em uso no seu tempo: «ficar hereje.»

Ainda hoje é corrente no Minho uma forma reversiva —fazer descrever— consequência daquela e que se emprega no mesmo sentido de «fazer perder a paciência, as ideias, o tino» —desesperar.

Por este motivo veio a chamar-se hereje ao «descrente ou desconfiado.» Heresia era e é a desconfiança sem motivo ou descrença, como vem na *Eufrosina* (ed. 1787) pg. 289: «Ora não sejas hereje que volo não eide soffrer...» «se quizer falar heresias...» E a pag. 292: «essa escusa he heretica.»

A alma do hereje é a alma tomada pelos horrores de todos os malefícios infernais.

«Vêr-se hereje» era o maior desespero em que poderia cair um mortal. Lá se diz na *Ulisipo* (ed. 1752) pag. 135: «Tão herejes me vi que se a topara em algum beco determinava furtala,» ou, como dizia Filinto (*Obras X*, pag. 145) falando de Fernão Mendes:

«Palmilhou areiais, rompeu por brenhas, Largos rios nadou, trepou por serros, Viu-se areu com leões e crocodilos.»

onde aréu está por de hereje. (1)

No *Auto da Historia de Deus*, de Gil Vicente, (ed. 1852) I, pag. 302, até o próprio Lucifer se vê hereje (=espantado, admirado):

«Venho hereje do mundo que fez o Deos lá de cima...»

Este estado de espirito que vai da duvida ao desespero e que se torna peculiar aos herejes, também se expressa por outras formas paralelas que evocam as práticas e os anátemas do cristianismo, como estas;—*não se confessa*, para indicar que se deve desconfiar de determinado individuo;—*estar empecadado*, referido aos infizes, aos desastrosos, aos desinquietos, a todos que parecem empolgados pelos maus espiritos.

Não estar catolico é pois o mesmo que *vêr-se hereje*— não estar bom de espirito ou de

corpo, como quem está fora da graça divina.

Extensivamente applica-se ás coisas: «um colarinho que não está muito catolico» i-é, que está sujo não pobe servir, que não está, bom, em summa.

Pelo mesmo motivo se diz graciosamente: *catolica*, referindo-se a personalidade do individuo com quem se fala:

Então como vae essa *catolica*?» como quem diz a sua excellencia» ou coisa iquivalente.

(1) V. o meu opusculo «*Frazes Feitas*»—Lisboa, 1911.

Oscar de Pratt.

FÃO. 19

Com uma casa bem passada fez a sua estreia no novo Theatro-Club Espozendense a troupe dramatica de amadores fãozenses.

Segundo nos diz pessoa entendida, os rapazes houveram-se bem sahindo o respeitavel publico, onde se destacavam pessoas de grande respeitabilidade, bem impressionadas.

Sem melindres para nenhum dos membros da troupe, ouvimos dizer, que d'entre todos se destacou o conhecido Ernestino Sacramento, que sempre foi muito palmado, principalmente na cançoneta «*toca a musica*», que elle interpretou com muito chiste.

A musica bem; pena é que não juntem mais rapazes para formarem uma tuna.

Pora a frente rapazes, não desanimeis. Parabense muitos parabens.

—De visita ao nosso velho amigo Paulo Santos, esteve entre nós o snr. Castilho, pharmaceutico no Porto. Que nos continue a visitar, eis os nossos votos.

—No passado domingo realisou-se a segunda conferencia quaresmal dissertando o abalisado orador sobre o

peccado, que explicou muito bem saindo o auditorio satisfeito. Parabens.

—Para o Porto partiram os ex.^{mos} snrs. dr Manoel de Oliveira Pinto, facultativo n'esta localidade e Manoel de Jesus Moraes, digno presidente da commissão parochial. Boa viagem.

—Ha dias tomou posse definitiva, no tribunal da comarca, do logar de escrivão do terceiro officio, o bom e sympathico amigo João Gomes Vinha. A posse foi-lhe conferida pelo ex.^{mo} snr. dr. Leal Sampaio, meretissimo juiz da comarca, assistindo ao acto um reusido numero d'amigos, pois n'esta localidade era desconhecido que tal acto se realisava n'esse dia.

João Vinha, tem sido alvo de muitas felicitações que provam bem o muito quanto elle é estimado e querido n'esta povoação.

Este nosso amigo, em signal de regosijo, offereceu no passado domingo um lauto jantar a varias pessoas da sua intimidade, reinando sempre uma franca e viva alegria.

—A' casa industrial do nosso bom amigo Antonio Cardoso Salgado, acabam de chegar um variado numero de mobiliarias e utensilios de casa, que este nosso amigo adquiriu nas mais acreditadas casas commerciaes do Porto, e com que tem a certeza de satisfazer os multiplos gostos dos seus numerosos amigos e freguezas.

A esta nova e acreditada casa de moveis, chamamos attenção do respeitavel publico que deseje ser bem servido esperando por isso nós uma boa e larga extracção.

IDEM 26.

—Lavra por aqui bastante descontentamento com o individuo que dizem ir ser proposto para o posto de registo civil n'esta localidade, falando-se mesmo n'uma representação ao ex.^{mo} Admi-

nistrador do concelho.

Pela nossa parte protestamos aqui bem alto que não deve ser negociante o proferrido ao logar, para que mais tarde se não diga o que agora se diz d'um membro da parochia, que consta se furta a assignar quaesquer documento sem que primeiro o pretendente visite o seu estabelecimento.

—Em breves dias vão aqui principiar as sessões cinematographicas.

Já chegou todo o material indispensavel para a sua installação que nos dizem ser de primeira ordem.

Assim o esperava-mos visto que na empreza tem homens de coragem e alguma dignidade.

Bem vindas sejam pois, as sessões cinematographicas e muitas venturas aos seus iniciadores.

Y.

REFLEXÕES CONCITOS E PENSAMENTOS SOBRE ANIMAES

A caridade não deve ter restições quanto ás creaturas a quem se dedica, da mesma forma que as não tem quanto ás pessoas de quem parte. Tão caritativo é aquele que auxilia e anima o seu semelhante, como o que proteje e reconforta os seres infelizes da criação.—*Madame Senia*.

A infancia é habitualmente cruel, pois é frequente encontrar creanças maltratando animaes. Comtudo, essa perversidade não é um producto natural e devesse apenas á perversidade dos homens. Que sentimentos generosos se não de desenvolvem no coração das creanças, vendo elas os homens arvorar em motivos de deleite verdadeiras e legitimas barbaridades.—*Atilia Canetti*.

Que todos os povos do mundo se unam para acabar com o martyrio, seja ele imposto a um cavallo, ou a um cão, e assim os homens, vexados por aquele agra-

vamento de uma penuria já de si grande, chegarão talvez a não se hostilizar uns aos outros.—*Emile Zola*.

A obra de protecção aos animaes é uma verdadeira cruzada, e, ainda que o não pareça, uma cruzada no sentido do bem publico. Implantada a piedade para com os seres inferiores, está implantada entre os homens, e de cousa alguma o Bem deriva tão abundantemente como do cultivo dos sentimentos afetivos.—*Vang*.

Uma palavra amigavel ou uma caricia feita a um animal é já uma boa ação.

A existencia dos animaes é um testemunho eloquente da potencia divina, e ama-los é reconhecer as magnificencias da criação.

Mau com os animaes, mau com os homens, tudo é maldade.—*Luiza Michel*.

Compilação de

LUIZ LEITÃO

DENTISTA

Manoel Pinheiro Cirurgião-dentista, com consultorio na rua de Santo Antonio n° 165—1° da cidade do Porto, também dá consultas todos os domingos n'esta villa, das 10 da manhã ás 3 de tarde, em casa do Snr. João Mãgalhaes.

Falecimento

Falleceu nesta villa na ultima semana a snr.^a D. Elisa Cardoso, viuva do snr. João da Silva Lopes Cardoso, e mãe do snr. Amadeu Cardoso empregado na repartição de finanças deste concelho e de D. Albertina e D. Prazeres Cardoso.

A fallecida depois dos responsos na igreja matriz desta villa foi conduzida para o cemiterio parochial da freguezia de Fão onde foi sepultada.

Paz á sua alma.

I CONTOS RELIGIOSOS

O POMAR DE SAN DOMINGOS

Uma vez andava Christo com San Pedro quando passaram ao pé dum lindo pomar.

E disse San Pedro:

—O' divino Mestre, que grande pomar aqui tem Domingos! Responde-lhe Noss'enhór:

—Sim, Pedro, é muito lindo, mas talvez não saibas que Domingos está condemnado, porque esse pomar foi todo plantado aos domingos.

San Pedro ficou passado, e ainda disse:

—Mas, ó Senhor, já não poderá salvar-se?

—Talvez, disse o Divino Mestre; só se elle o cortasse, lhe puxasse fogo, e se botasse á fogueira.

Quando San Pedro topou o seu colega Domingos, passou-lhe parte das palavras de Christo.

O santo pegou em si, botou as arvores a terra, pô-las num monte, acendeu co'elas uma grande fogueira e atirou-se ás labaredas.

Passou-se tempo e tornaram a voltar ali Christo e San Pedro. Noss'enhór chegou-se a um monte de cinza e espalhou-a com o pé. Lá de dentro rebolou pelo chão uma maçan muito grande e bonita. E disse Christo:

—Apanha-a, Pedro, e guarda-a nos alforjes.

Despois (1) foram-se p'ra uma caza onde os dois costumavam pernoitar quando por acaso ali passavam.

O dono da casa disse a uma filha que tinha que guardasse os alforjes e servisse comida aos dois companheiros. Mas as mulheres são curiosas, e a rapariga que era mulher como as outras não teve mão em si que não deitasse o olho aos alforjes. Viu a maçan, e como não era tempo delas, tão apetitosa lhe pareceu que a chamou á pá do bucho.

No outro dia San Pedro poz os alforjes ás costas, e foi-se embora c'o Divino Mestre.

Dahi a mezes passaram outra vez pela tal estalagem. Todos os da casa appareceram menos a filha do estalajadeiro.

Noss'enhór bem sabia o que se passava, mas fez-se de novas e perguntou onde ela estava, se estava doente.

O dono da casa começou a gaguejar, e a desculpar-se. Que a rapariga não podia vir, que não estava em estado de apar'cer...

Mas Christo tanto ateimou que o homem chamou a filha.

Veio ella toda envergonhada pela

(1) Forma quincentista de *depois*, que o povo emprega frequentemente quando produz os seus contos. Também dizem vulgarmente, e vai *despois*.

razão de estar grávida, e já muito adiantada.

Respondeu a Noss'enhór que não sabia como tinha sido aquilo, e jurava que nunca tinha conhecido homem.

O Senhor perguntou-lhe então: —Olha lá, não t'alembra da última vez que nós aqui estivemos?

—Lembro, sim, Senhor. —Não foste tu que comeste uma maçan que estava dentro dos alforjes? Confessa francamente.

—E' verdade, Senhor. Mas que tem isso com a desgraça em que me eu vejo?

—Já vais saber, disse o Senhor. Mandou abrir a boca á cachopa, e disse:

—Domingos, sai por onde entraste!

E vai San Domingos saiu pela boca da rapariga, e foram-se-lhe os sinais de grávida que ella tinha.

A maçan que ella tinha comido era, salvo seja, a alma de San Domingos (1).

2

AS ABELHAS MORTAS

Quando Deus andava p'ro mundo, teve um dia de castigar um homem muito rico e muito mau, que em vez de agradecer ao Senhor as riquezas que lhe dava, estava sempre

a dizer *aresias* (1) contra elle. Vinha o rico nas *augas* (2) do mar a bordo dum navio que trazia de um reino p'ra outro (3) os seus grandes teres, quando s'alevantou um temporal que o botou no fundo e a quantagente trazia.

San Pedro admirou-se de terem sido castigadas tantas pessoas innocentes que não tinham culpa nenhuma de que o dono do barco fosse má firma, de maneiras que não se poud ter que não dissesse ao Divino Mestre o que sentia. Mas Noss'enhór não respondeu; fez que não tinha percebido e mudou de conversa. Como ali ao pé estava poisado um enxame entorpecido com frio, porque era no inverno, disse:

—O' Pedro, apanha essas abelhas até chegarmos áquella terra, e lá as daremos a alguém que as aproveite p'ra um cortiço. Olha, mete-as no seio, que vão lá mais quentes.

San Pedro meteu-as no seio, mas dahi a bocado—zás!—sentiu uma ferroad.

Esfregou logo o peito naquelle sitio; mas despois—fôrça!—outra ferroad, e outra, e outra, e mais cada vez pegava o santo de esfregar a pelle.

Quando chegaram, pediu Noss'enhór um cortiço, e a San Pedro

(1) Heresias.
(2) Forma pod. de *agua*.
(3) Reino, na linguagem popular, é sinónimo de paiz, nação.

(1) Usado aqui na accepção de *ha pouco*.

GAZETA DAS ALDEIAS
Semanao Illustrado de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis

ARTE

ARCHIVO DE OBBAS D'ARTE.
Director e gravador—MARQUES ABREU
Rua de S. Lazaro, 310—PORTO



Enxaquecas.

Os que soffrem muita vez de enxaqueca podem estar certos de ter alguma cousa defeituosa por parte do estomago. Este orgão, em tal caso, digere imperfeitamente os alimentos, e o que não é digerido fica então no estomago, onde não tarda a putreficar-se, causando o mau halito, as regurgitações, as azias, o peso, a sede ardente. Esta accumulção de materias envenenadas, no estomago, faz tambem com que o sangue se carregue pouco a pouco de elementos toxicos, e esses elementos toxicos causam enxaquecas, absolutamente do mesmo modo que succede, quando respiramos as emanações deleterias de um fogão que não funciona como deve ser. As Pilulas Pink reparam os estomagos desarranjados, proporcionam digestões perfeitas e fazem desaparecer as enxaquecas.

CURA :

A snr^a D. Maria Julia de Almeida, residente em Arganil (districto de Coimbra), escreve :
« A tal ponto soffria do estomago, que cheguei ao extremo de ficar dias inteiros sem comer, por não poder supportar nenhum alimento. Apenas acabava de comer, por pouco que fosse, parecia que o estomago inchava, e as dôres começavam a torturar-

me, cessando sómente quando a digestão terminava. Comendo tão pouco, digerindo tão mal, a minha saude estava arruinada. Pois de todo as suas Pilulas Pink curaram-me de modo verdadeiramente maravilhoso, e até me custa a crer que ellas me fizessem tanto bem e em tão pouco tempo! Não ha que duvidar, porém, porque estou curada e bem curada. »

Pilulas Pink

As Pilulas Pink estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 800 réis a caixa, e 4000 réis as 6 caixas. Depósito geral : J. P. Bastos & Cia, Pharmacia e Drogaria Peninsular, 39, rua Augusta, 45, Lisboa. — Sub-agente no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.

Excurção

No ultimo domingo foi visitada esta villa por um numeroso grupo de bicicletistas da vizinha villa de Barcellos em numero superior a 20, despertando aqui muita curiosidade e animação

Os nossos agradecimentos pela sua visita.

Chuvas—trovoadas

Nos ultimos dias tem chovido torrencialmente acompanhada de fortes ventanias e trovoadas.

Lampreias

Tem sabido, pescadas no nosso Cavado, bastantes destes saborosos peixes, sendo por esse motivo o seu preço já rasoavel a qualquer bolsa.

Cinematographo

No ultimo sabbado exhibiram-se no nosso Theatro-Club lindissimas fitas cinematographicas as quaes agradaram muito.

Para as proximas sessões já estão encomendadas no-

vas fitas que deverão causar verdadeira surpresa.

Acaba de sair:

Collecção Silva Vieira

TRADIÇÕES POPULARES, VOCABULARIO E TOPONYMIA DA

GUARDA

por A. Gomes Pereira

Professor do Liceo Central do Porto

1 volume de 80 paginas

PREÇO: 800 REIS

A' venda na Livraria e Typographia Espozendense—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—ESPOZENDE.

No preço—Do mesmo autor: TRADIÇÕES POPULARES, LINGUAGEM E TOPONYMIA DE BARCELLOS, que formará um grosso volume.

A FILHA

DO

DIVORCIO

BELEM & C.^a SUCC.—LISBOA

CASA EDITORA BELEM & C.^a SUCC.

Rua do Marechal Saldanha, 16 — LISBOA

A FILHA MALDITA

Celebre romance de EMILE RICHEBOURG

O famoso romance A FILHA MALDITA, devido á pena magica de EMILE RICHEBOURG, conta já tres edições, as quaes se acham completamente exgotadas. Apesar d'isto, porém, — e um tal facto é muito para notar no nosso tão limitado movimento litterario, — continuam a affluir em grande numero, tanto do paiz como de Brazil, as requisições d'essa obra: e, por isso a empresa BELEM & C.^a SUCC. resolveu publicar mais uma edição—a quarta!—d'este admiravel romance que está brillantemente consagrado pelo exito verdadeiramente extraordinario, e pôde mesmo dizer-se sem precedentes, que tem obtido as tres edições já publicadas.

Os titulos das partes de que se compõe este pequeno romance são os seguintes:

- 1.^a Parté= O CRIME DE OUTREM
- 2.^a » = O VELHO MARDOCHE
- 3.^a » = A COMDESSA DE BUSSIÈRES
- 4.^a » = OS MYSTERIOS DE SEULLON

Em poucas palavras podem resumir-se os factos culminantes do entrecio d'este admiravel trabalho, em que EMILE RICHEBOURG affirmou, mais do que em nenhum outro, as suas maravilhosas, faculdades de romancista.

Um pobre pae, cioso pela honra do seu nome, e cedendo aos impulsos de uma colera violentissima, assassina o amante de sua filha, e vibron sobre esta o temeroso raio da sua maldição. A desgraçada, louca de desespero, foge desvairadamente, para ir passar uma horrorosa vida de soffrimento e desventura, longe da casa paterna, de que fôra ignominiosamente expulsa.

No entretanto, e por um extranho conjuncto de circumstancias e coincidencias, a justiça dos homens attribue aquelle assassinato a um desgraçado que comprehendera toda a verdade, mas que não se defende e se deixa condemnar, por não se atrever a denunciar o assassino, que em outro tempo lhe salvara a vida, quando estava prestes a perdê-la em um desastre temeroso, e a quem, além d'esse, devia ainda outros favores de inestimavel apreço.

A breve trecho do verdadeiro assassino sente-se dominado pelo remorso, e é com as seguintes palavras, que o proprio auctor do livro descreve a tortura do desgraçado. «Passa noites e noites em terriveis insomnias, e, quando afinal consegue adormecer, caem sobre elle medonhos pesadellos, que o esmagam, que o torturam... Acorda, então, offegante, inundado de suores frios, e solta gemidos, gritos de terror, sem poder desembaraçar-se do demonio do remorso, que lhe crava implacavelmente no peito as aduncas garras».

Por fim depois de um sem numero de peripecias devéras impressionantes, a maldição que o allucinado pae lançára sobre a filha extingue-se no perdão, e a verdade sobre o assassinato surge então clara e luminosa, confessada pelo proprio criminoso agonisante.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Cadernetas semanales de 2 folhas (16 paginas) 20 rs.
Tomos mensales de 10 folhas (80 paginas) 100 rs.

O custo d'este economico romance, illustrado com magnificas gravuras francezas será 1\$200 reis.

Brinde aos snrs. assignantes

2 albums com 40 vistas de Lisboa e Porto, ou uma grande estampa impressa a dez côres, propria para quadro, representando A Republica Portuguesa (COM O GOVERNO PROVISORIO)

A commissão aos snrs. correspondentes é de 25 %.

Interessantes brindes aos snrs. angariadores de assignaturas; veja-se o prospecto d'esta obra

Assigna-se na casa editora e em casa dos snrs. agentes de publicações litterarias

ACHAM-SE PUBLICADOS OS TOMOS N.^o 1 e 2

Comarca de Espozende

EDITOS DE TRINTA DIAS

2.^a publicação

T AÇO saber que por este Juizo e cartorio do escrivão que este subscreve, correm edi-

tos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste annuncio, citando José Baptista e Egydio Dias Conceição, naturaes da freguezia d'Apulia, d'esta comarca e actualmente residente em parte incerta nos Estados Unidos da Republica do Brazil, para assistirem até final a todos os termos do inventario orpha-

nologico a que se procede neste juizo por obito de Maria Rosa Leite e José Dias Conceição, moradores que foram na referida freguezia d'Apulia, desta comarca e em que é inventariante Irene Dias Conceição, maior, jornalista, da mesma freguezia d'Apulia.

Espozende, 12 de Fevereiro de 1913.

O escrivão substituto do 3.^o officio

João Gomes Vinha Verifiquei

O juiz de direito, Leal Sampaio

O Seculo Agricola

Cada numero 40 rs.

A' venda na redacção d'este jornal.

A Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Espozende:

Faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação do presente edital no «Diario do Governo», para o provimento do partido medico de Fão, d'este Concelho, com a dotação annual de 200 escudos, pulso sujeito á tabela Camararia, residencia permanente na referida freguezia e demais condições aprovadas pela Camara e obrigações por lei impostas.

Os concorrentes deverão apresentar dentro d'aquelle prazo os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos pelos decretos de 5 de Janeiro de 1887 e 24 de Dezembro de 1892, sendo motivo de preferencia a apresentação do diploma de medicina sanitaria.

Espozende 12 de Fevereiro de 1913.

E eu José Augusto d'Almeida Abreu, secretario o subscrevo.

O Presidente,

FIRMINO LOUREIRO.

CAFÉ CENTRAL

DE

Matheus Vianna

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOZENDE

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal

para o estudo das tradições populares dirigida por

José da Silva Vieira

collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Assignatura

Anno, Portugal.....600

Estrangeiro.....1:000

Toda a correspondencia deve e dirigida á Empresa da Revista do Minho ou ao seu director, José da Silva Vieira,—ESPOZENDE.

ALMANACH

BERTRAND

PARA 1913

(14 anno de publicação)

PREÇOS—Brochado, 500 rs.; cartonado. 600 rs.; encadernado em marroquim, 1:000 reis.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE
JOSE DA SILVA VIEIRA

RUA VIEIRA BEIRA 71 A 91
ESPOZENDE

O maior deposito de impressos da Provincia do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir é a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congêneres, rivalizando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte, imprimem-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memoranduns, facturas para o commercio e particulares em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de côr ou brancos timbrados á vontade do freguez, notas de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escritôes de direito juntas de parochia, contrarias e particulares.

Especialidade em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda collecção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

Livraria.— Livros escolares de todos os auctores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, lonzas em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos aduados nas escolas primarias,

Material escolar, fornece-se com execução perfeita, taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, lousas grandes, mappas parietaes, espheras, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congênera.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços:

Canetas de tinta, ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção,

Papel bordado para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'esde 20 a 80 reis.

Chromos, ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

TINTA DE MARCAR roupa, Colla-tudo, lam parinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obrêas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

ETIQUETAS em caixas a 60, 80, 90 e 100 reis cada uma.

POSTAES em côres, bro-meto escuro imitação verdadeira da photographia, o que ha de mais fino e mais moderno, que em toda a parte se vendem a 40 e 50 seis cada um são no nosso estabelecimento a

10, 20 E 30 rs.

cada um.

Collecções lindissimas em todos os gostos e para todos os preços, havendo n'este ramo um colossal sortido.

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

POSTAES

com vistas de Espozende, Fão, Apulia, e outras freguezias d'este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis. E' um reclame.

TINTA preta, azul-preta, carmim e mais côres para escrever. Tinteiros de vidro com tinta, redondos e quadrados para o preço de 30, 40 e 50 reis, havendo frascos grandes desde um 1/4 de litro até 1 litro, a diferentes preços.

PAPEL de seda para flôres em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qualidade; papel affixe para illuminação, lindas cores; dito para folhagem em verde, prateado e muitas outras côres com brilho.

PAPEL almaço e fino em todos os formatos e para todos os preços; papel fino para cartas em todas as qualidades.

PAPEL PARA CARTA A 10 REIS

PAPEL de musica proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

PAPEL de chupar tinta, em vermelho, côr de rosa, branco, verde escuro, e outras muitas côres e qualidades.

LIVROS EM BRANCO para o commercio, industriaes e particulares, havendo em todos formatos e papeis diversos e preços muitos razoaveis.

SEM RIVAL

A
140,
160,
200 800
ATÉ

REIS

Cada caixa de bom papel com 50 folhas e 50 envelopes.

BLOCOS para calendarios.

AGENDAS de algibeira para 1913 muito portateis e uteis.

ALMANACHS Bertrand, Seculo, e todos os outros publicados para o futuro anno de 1913.

VISITEM O NOSSO ESTABELECEMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos auctores, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importancia.